

4CCHLADELEMMT01

REFLEXÕES E RELATOS DE EXPERIÊNCIAS NO PROCESSO DE APRENDIZAGEM E/LE

Wannessa Fadja Dinoá ⁽¹⁾; María del Pilar Roca ⁽³⁾

Centro de Ciências Humanas, Artes e Letras/Departamento de Letras Estrangeiras Modernas/MONITORIA

RESUMO

Através do processo de aplicação “*Para a elaboração de uma Proposta de Ensino de Espanhol como Língua Estrangeira dentro de um enfoque pragmático*”, que teve uma duração de 07 meses nos anos de 2007 e 2008, como professora, pude identificar uma nova forma de “ensino” da língua espanhola em sala de aula. Com o objetivo de fazer os alunos se relacionarem com a língua propriamente dita e superarem as convenções que os faziam depender exclusivamente de gramáticas e dicionários, o que inicialmente foi complicado, pois os alunos estavam vinculados a um ensino tradicional de línguas. Com o projeto em mãos, e acompanhada de leituras, dentre elas a filosofia valdesiana, assim como as experiências de outras monitoras do projeto, fui aos poucos deixando meus preconceitos de lado, passando a refletir acerca de questões que diferem língua da maneira que é passada em sala de aula, na qual é tratada como “morta”, sempre vinculada a gramáticas e dicionários. Em primeiro lugar, pude perceber que língua propriamente dita, assim como a nossa própria língua é adquirida através de relacionamentos verdadeiros que se faz com o uso da mesma. Concluí que aos poucos os alunos se adaptaram à nova forma de ensino, o que fez com que se relacionassem com o uso da língua em si.

Palavras-chave: língua espanhola, prática da escuta, preconceito, uso.

Introdução

Este trabalho vem a ser o resultado de todo um processo de aplicação, que realizei dando aulas de espanhol, com alunos participantes do projeto “*Para a Elaboração de uma Proposta de Ensino de Espanhol como Língua Estrangeira dentro de um enfoque pragmático*”, projeto este iniciado em 2005, no qual trabalhei por um período de 07 meses nos anos de 2007 e 2008, em um primeiro momento, com alunos com a faixa etária entre 10 e 14 anos de duas escolas, a escola particular Anglo e a então cooperativa de professores Gilberto Amado, situadas em João Pessoa; e em um segundo momento com alunos da escola particular Constructor Sui, também em João Pessoa, com alunos na faixa etária entre 08 e 10 anos.

É importante colocar que realizei leituras, e que foi com elas que passei a ter conhecimento do pensamento valdesiano. Em concreto, *Diálogo de la Lengua*, um diálogo realizado entre o mestre Juan de Valdés e seus discípulos visando o ensino da língua espanhola, e leituras de experiências de outras monitoras/bolsistas em outras fases do projeto, que ao ler deparei-me com situações que passei com os alunos que foram iguais as já

¹⁾ Bolsista, ⁽²⁾ Voluntário/colaborador, ⁽³⁾ Orientador/Coordenador ⁽⁴⁾ Prof. colaborador, ⁽⁵⁾ Técnico colaborador.

vivenciadas pelas mesmas, como por exemplo, a dificuldade que o aluno encontra ao isolar-se em seus pensamentos, a visão centralizadora que eles têm do professor, e o medo que isso causa inibindo assim a autenticidade do relacionamento professor-aluno.

Apesar de serem escolas distintas, de níveis sociais diferentes e conseqüentemente com alunos diferentes também, focalizei nas três escolas a dependência dos alunos a convenções de livros e dicionários como base fundamental e essencial para se estudar língua.

Ao longo do artigo, farei referência a alguns casos em particular, que surgiram no decorrer das aulas com muita naturalidade, relatarei minhas dificuldades de aluna que passou a ser professora, minha concepção de língua, incômodos que surgiram nos alunos, minhas expectativas com as aulas e as atividades aplicadas, o surgimento das necessidades de “silêncios” diante das perguntas dos alunos, a falta da familiaridade dos alunos com os próprios pensamentos e o trabalho realizado com a oralidade e a escuta que, se mostraram fundamentais no processo de adquirir uma língua estrangeira assim como também a uma língua materna.

Problemas na aquisição originados na concepção de língua

Com as aulas pude perceber que os alunos sentiam a necessidade de ter como base fundamental a gramática, meio que tratavam a língua propriamente dita, “como morta”, pois dependiam inteiramente da presença da gramática e acreditavam que para se aprender língua, o necessário e o principal era a aquisição de vocabulário, tornando assim impossível qualquer tipo de criação por parte do aluno, pois somente havendo relacionamento com textos, o aluno apenas repetiria o que já existe.

“Professora não vai ter livro?” (Primeiro dia de aula- 10/03/08), essa foi à primeira observação que um aluno de oito anos, da escola Constructor Sui, fez ao perceber que iniciei a aula e não fiz menção alguma a livro, e esse “estranhamento” não melhorou quando eu lhe disse que não usaríamos livro, onde acredito que esse estranhamento tenha sido causado pelo fato de o aluno estar preso às convenções e metodologias que lhe são aplicadas.

Por experiência, relato que é a visão que quando alunos temos, e esclareço que no início do projeto quando eu não o tinha em mãos, me esforcei ao máximo na busca do melhor livro, dos melhores dicionários e na melhor maneira de passar isso para os alunos. O livro, o dicionário não era somente base para o aluno, eram para mim também, mais com as leituras que fiz e com esclarecimentos, pude perceber um fator que realmente influencia no processo de aquisição de uma língua, tanto a nossa de origem quanto uma segunda, que é o relacionamento verdadeiro que se faz com o uso da mesma, através da oralidade e também da escrita. Percebi assim que língua se aprende pelo uso comum de falar, e não apenas através dos livros, como o latim, por exemplo, que parou no tempo e somente é resgatado através de livros.

É importante colocar que essa idéia, já tinha sido apresentada por Juan de Valdés em *Diálogo de la Lengua*, pois segundo Valdés o castellano se adquiria, diferente do latim que se estudava, que se aprendia em livros, para ele as “línguas vivas” estavam em constantes movimentos, permitindo assim o seu desenvolvimento, o que não acontecia com as “línguas mortas” que já estavam fixas na história:

Porque he aprendido la lengua latina por arte y libros, y la castellana por uso, de manera que de la latina podría dar cuenta por el arte y por los libros en que la aprendí, y de la castellana no, sino por el uso común de hablar, por donde tengo razón de juzgar por cosa fuera de propósito que me queráis demandar cuenta de lo que está fuera de toda cuenta. (p. 03)

O *escribo como hablo* de Valdés ressalta justamente a idéia do que passei a colocar em prática nas salas de aulas, quando o aluno tinha que isolar-se em seus pensamentos para escrever privilegiando a sua fala, passei atividades que exigiam do aluno esse recuo, por exemplo, uma discussão em sala sobre “un árbol”, após a discussão, eu pedia que refletissem a sós sobre o assunto tratado, e dessa maneira escrevessem, identifiquei algumas dificuldades na grande maioria, pois me diziam que falar era mais fácil, “*Wannessa prefiero hablar con la señora que escribir*” (aluno-Anglo; 2007), acredito que isso deve-se ao fato da inibição dos seus pensamentos diante do medo de escrever fugindo às regras gramaticais.

Para deciros la verdad, muy pocas cosas observo, porque el estilo que tengo me es natural, y sin afectación ninguna escribo como hablo; solamente tengo cuidado de usar de vocablos que signifiquen bien lo que quiero decir, y lo digo cuanto más llanamente me es posible, porque a mi parecer en ninguna lengua está bien el afectación. Quanto al hacer diferencia en el alzar o abajar el estilo, según lo que escribo, o a quién escribo, guardo lo mismo que guardáis vosotros en el latín. (p. 52)

No decorrer das aulas, alguns alunos costumavam ter uma constância de sempre perguntar coisas voltadas para vocabulário, pois têm a ilusão de que falar uma língua estrangeira é decorar uma porção de palavras ou mesmo o dicionário, e às vezes perguntavam afirmativamente, como certa aluna da escola Gilberto Amado; “*Profesora la palabra cabello es pelo sí?*” Isso aconteceu varias vezes, e ocorreu também com alunos de outras escolas, acredito que isso venha a ser uma consequência da visão centralizadora que o aluno têm de que o professor é o dono da razão, o que causa em muitos e na grande maioria dos alunos inquietações e receios de falarem com o professor e de serem repreendidos e constrangidos.

Descrição metodológica

Como professora, percebi no decorrer das aulas o “estranhamento” dos alunos em se depararem com a língua, propriamente dita. No dia 12 de março de 2008, uma aluna da escola Constructor Sui, me questionou dizendo;

- Professora, você é brasileira?
- Si, soy brasileña.
- Então se você *é brasileña* fala em português porque não estou entendendo uma vírgula do que você fala!
- Pero dime como, pues estás hablando conmigo.

Nesse diálogo a aluna questionou-me ao perceber que eu somente falava em espanhol, e ao saber que eu era brasileira reagiu, pedindo que eu me comunicasse com ela e com os outros alunos em português, pois não estava entendendo “uma vírgula” do que eu falava, e sem ao menos perceber, não só estava entendendo como também estava criando diálogos comigo e sem querer repetiu perfeitamente uma palavra que eu disse em espanhol. Em primeiro lugar, a aluna em questão, se interessou pelo que eu estava dizendo, ao se interessar, buscou me ouvir mais atentamente e com isso passou a estabelecer um contato através da sua necessidade, e em segundo lugar acredito que, os alunos estão acostumados a terem professores de línguas que falem com eles em sua língua materna, e que quando isso lhes é retirado, fica uma espécie de vazio, por terem sido criados e conseqüentemente acostumados em uma educação tradicional.

Uma nova maneira, não digo de ensinar mais sim de despertar nos alunos as suas próprias necessidades, para sozinhos buscarem uma “saída”, para determinada situação na qual somente uma gramática ou um dicionário não resolveriam, e essa busca tem que partir de dentro para fora, naturalmente.

Primeira fase; Preconceitos sobre o que era ensinar uma língua

Na primeira semana de aula, no dia 03 de setembro de 2007, encontrava-me com livros, dicionários e com diversas expectativas, expectativas estas, de ser uma excelente professora; e o que era ser essa “excelente” professora? Um dos meus maiores medos era o de não saber responder a todas as perguntas dos alunos, e passei realmente a ser um dicionário ambulante da língua espanhola, a tudo eu respondia, acostumando assim os alunos a não buscarem suas próprias respostas, e dessa maneira inibirem os seus pensamentos.

Levei para sala de aula toda uma experiência como aluna de línguas, procurando ser diferente nos aspectos que não me agradaram quando aluna. Busquei o melhor livro, diversas atividades, o que me deixou decepcionada algumas vezes, quando eu saía da sala de aula sem concluir as atividades levadas, ao ver que não tinha mais tempo, tudo isso era constrangedor, pois era como se nada eu tivesse feito.

Segunda fase; com o projeto nas mãos a modo de encontrar um novo caminho

Pouco a pouco percebi que língua, não se aprende através de livros e dicionários apenas, mas principalmente através do uso comum que se faz dela, partindo de necessidades individuais. Passei a ver que existia a necessidade de “silenciar” diante de perguntas e atividades realizadas, de maneira que o aluno encontrar-se com seus pensamentos, para desse modo produzir, buscasse suas próprias respostas, partindo de suas experiências sem se preocupar com regras ou concordâncias gramaticais.

Deixei o livro e também o dicionário em segundo plano, e passei a valorizar as atividades através da oralidade e da escuta, trabalho que exige a colaboração e a interação de professor-aluno, aluno-professor. Uma regra básica e fundamental para qualquer relação é o fato de falar e ser ouvido, o que é indispensável para que assim haja essa interação e também aprendizagem entre as partes, dessa maneira, respeitando ao ouvir o que o outro tem a dizer, criamos um vínculo para se dialogar de diferentes formas e coisas que normalmente nos interessam.

Com isso, compreendi a necessidade de interagir com os alunos e de criar relacionamentos verdadeiros a partir desta iniciativa, e dessa maneira voltar a minha atenção para as necessidades dos alunos, para o cotidiano e as suas particularidades.

Conclusões Parciais

Com as práticas aplicadas com os alunos, identifiquei a necessidade de estabelecer um vínculo de confiança com os mesmos, de maneira que podemos trabalhar de uma forma igualitária, na qual todos tinham que colaborar um com o outro, praticando a escuta e a oralidade, que se mostraram fundamentais no processo de adquirir uma língua falada.

Percebi a necessidade de buscar despertar nos alunos o interesse verdadeiro deles para com a língua, pois dificilmente um professor consegue despertar nos alunos algo que não lhes interessa, e o que mais poderia interessar, que as próprias necessidades? Para isso busquei superar preconceitos meus, e a agir fora dos parâmetros do ensino tradicional.

Apesar dos “estranhamentos” iniciais, acredito que o contato direto que os alunos tiveram com língua e com a ausência da forma tradicional de ensino em sala de aula, os mesmos passaram a ter mais liberdade para usar, pensar, criar e buscar as suas próprias metodologias de aquisição de uma segunda língua, nesse caso o espanhol.

Referências

VALDÉS, Juan, *El diálogo de la lengua*, Biblioteca Miguel de Cervantes. Disponível em: <<http://cervantesvirtual.com/servlet/SirveObras/>> Acesso em 25/10/2007, 20/11/2007

ROCA, María Del Pilar. *Ética e oralidade no ensino das L2s*. Comunicação coordenada: ensino/aprendizagem da oralidade nas L2s voltado para produção cultural. In: **IV SENALE**, Seminário Nacional sobre Linguagem e Ensino, 2005. Pelotas. 1 **CD-ROM**.

ROCA e DOURADO, M. R. S. *Referenciais Curriculares de Língua Estrangeira do Estado da Paraíba*. João Pessoa: Secretaria de Educação do Estado da Paraíba, 2006. p. 101-213.

CAÑAS, Rocío Serrano. *Repercussões do ideal formal no processo de aquisição da LE*. In: **XXI** Jornada Nacional de Estudos Lingüísticos, 2006, João Pessoa: Idéia. Sessão coordenada. P.2513-2518. 1 **CD ROM**.

_____.-Rocío Serrano. *Práticas de letramento na aula de E/LE: questões sobre a oralidade em língua estrangeira*. Comunicação coordenada: ensino/aprendizagem da oralidade nas L2s voltado para produção cultural. In: **IV SENALE**, Seminário Nacional sobre Linguagem e Ensino, 2005. Pelotas. 1 **CD-ROM**.

GOMES, Yarana Serrano. *Prática de observação em sala de aula*. In: **XXI** Jornada Nacional de Estudos Lingüísticos, 2006, João Pessoa: Idéia. Sessão coordenada. P. 3039-3044. 1 **CD ROM**.

_____.-Yarana Serrano. *A importância da escuta no processo de ensino/aprendizagem de uma LE a partir da proposta de letramento*. Comunicação coordenada: ensino/aprendizagem da oralidade na L2s voltado para a produção cultural. In: **IV SENALE**, Seminário Nacional sobre Linguagem e Ensino, 2005. Pelotas. 1 **CD-ROM**.

RIBEIRO, Silvia Renata. *Reflexões acerca das relações entre LM e LE em aulas de E/LE*. In: **XXI** Jornada Nacional de Estudos Lingüísticos, 2006, João Pessoa: Idéia. Sessão coordenada p.2727-2732. 1 **CD ROM**.